

## **FALAS FEMININAS: CONSTRUÇÕES DE HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES MORADORAS DO BAIRRO HERVAL.<sup>1</sup>**

**Letícia Klug<sup>2</sup>, Gabriela Dalla Vecchia<sup>3</sup>, Luis Carlos S Siqueira<sup>4</sup>, Cristian Giles<sup>5</sup>, Sabrina Corrêa Da Silva<sup>6</sup>.**

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa de Estágio Básico do Curso de Psicologia

<sup>2</sup> Estudante do curso de psicologia.

<sup>3</sup> Estudante do curso de psicologia.

<sup>4</sup> Estudante do curso de Psicologia.

<sup>5</sup> Professora Supervisora do Estágio Básico - Falas femininas: construções de história de vida de mulheres moradoras do Bairro Herval. Do curso de Psicologia,

<sup>6</sup> Estudante do curso de psicologia

Considerando que o que fala na pessoa é o sujeito que ali se encontra, o sujeito do inconsciente, e que isso dirá sobre o lugar, sobre sua posição no discurso, precisamos entender, portanto, de que lugar falamos, qual nossa relação com o Grande Outro. Segundo Edson Luiz André de Souza, a condição de visibilidade é algo que depende, sobretudo, de uma condição de valor. Isso significa dizer, nas palavras de Edson que, “introduzir um ato, um objeto, uma obra no plano do visível requer, portanto, reconhecimento”. Dito de outra forma, nosso olhar sofre os efeitos das posições em que nos colocamos. Como diz Lacan, segundo o autor, somos dependentes do discurso que nos constitui.

Para pensarmos o lugar que o feminino pode estar significando, ou seja, de que lugar o feminino fala, o qual é objeto de estudo deste trabalho, nos propomos pensar o feminino no discurso, a partir de uma construção histórica acerca do nascimento da psicanálise e de suas implicações acerca do postulado fundamental Lacaniano, a saber, que o inconsciente é estruturado como linguagem.

Entre os fatores presentes na origem da psicanálise, no fim do século XIX, Maria Rita Kehl enfatiza a perda das referências estáveis que, desde o feudalismo até antes do período das Revoluções burguesas, condicionavam o pertencimento dos indivíduos ao meio social. Isso significa dizer, que na modernidade as sociedades são caracterizadas pela mobilidade social e pela crescente liberdade das escolhas individuais. Assim, a complexidade das estruturas simbólicas, a partir dos primórdios do capitalismo, tornou o campo do Outro inacessível ao saber (consciente) dos sujeitos sociais. Portanto, na modernidade, o Outro é inconsciente, o que Lacan formulará “o inconsciente é a política”.



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XIV Jornada de Extensão

As formas discursivas do Outro que conferem lugar aos sujeitos e sustentam a ordem social é, segundo a psicanálise, a da constituição do supereu, “resultado” do complexo de Édipo. Segundo Maria Rita Kehl:

Na teoria Lacaniana, o Outro diz respeito à dimensão simbólica que está na origem da divisão do sujeito. A face simbólica do Outro pode ser resumida como a existência necessária da linguagem que determina e precede a existência dos sujeitos. Mas o campo simbólico é sustentado subjetivamente por representações imaginárias: o imaginário provê consistência ao simbólico e à Lei que ele determina. A face imaginária do Outro repousa sobre as formas – estas sim, contingentes – através das quais, em cada cultura, a Lei Simbólica se apresenta aos homens. A mãe e o pai, que introduzem o infans na linguagem, constituem as primeiras representações imaginárias do Outro, substituídas após o atravessamento do Édipo por figuras que exercem, no espaço público alguma forma de autoridade. O professor, o líder político, o monarca, Deus, o parceiro amoroso, são os exemplos mais freqüentes das diversas representações daquele a quem o sujeito neurótico dirige a pergunta: O que deseja de mim? (MARIA RITA KEHL, 2009, P. 44)[grifos do autor].

O neurótico, segundo a autora, é exemplo daquele que se esforça para reverter à perda subjetiva que se consuma com a passagem pelo Édipo, em recuperar a unidade (impossível) com o Outro. O que Lacan nomina o UM, como totalidade, a soma da singularidade com o objeto perdido, como se esse (re)encontro fosse possível

Na tradição a história da vida cotidiana, assim como dos sujeitos já vinha traçada na história da família, ou seja, os lugares e os destinos dos mesmos eram pré-determinados e sustentados social e simbolicamente. Na modernidade os sujeitos encontram-se livres das determinações familiares assim como dos mitos de destinos, desta forma cada um deverá construir suas escolhas e suas histórias, estas ao mesmo tempo sempre incertas. Podemos dizer que na modernidade se faz necessários espaços discursivos para que tal sujeito moderno possa simbolizar suas vivências do cotidiano e tornar estas referências formais de sustentação simbólica.

Neste sentido é que Freud nos lembra que ter vivido não significa ter passado pela experiência e simbolização de uma situação, para tal, é necessário que este vivido possa ser relatado e endereçado a outro tomado como testemunha. É desta forma que os sujeitos podem se tornar sujeitos e objetos da experiência que lhes permita poder transmiti-la às suas gerações. As dificuldades que o mundo moderno coloca para os sujeitos na atualidade é que os espaços discursivos, portanto, sociais, cada vez se reduzem, deixando estes sujeitos na posição de objetos vitimas anônimas dos acontecimentos. Sem espaços de simbolização, sem espaços de fala, é o corpo que se debate em denunciar o sofrimento que atinge principalmente as mulheres. Desta forma, conhecer a história destas mulheres em lócus é fundamental. A história de qualquer pessoa, não é somente uma





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XIV Jornada de Extensão

descrição de dados biográficos, mas, a possibilidade de conhecer as vivências e experiências das mesmas. No caso das mulheres a história e suas histórias são recentes, elas se reduziram ao silêncio na qual foram relegadas, voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica até o barulho que hoje se fazem delas. E afinal, que sabemos delas?

O presente projeto a ser implantado no Bairro Herval/Getúlio surge da experiência iniciada pela clínica de Psicologia da Unijui junto ao Posto Municipal de Saúde do bairro Herval. Entre os pedidos da equipe deste posto colocaram-se o atendimento psicológico a pacientes do bairro, estes na maioria mulheres cujo diagnóstico é a depressão. Sabe-se que ultimamente a depressão tem sido caracterizada como um sintoma social, ou seja, o aumento expressivo de pessoas deprimidas como resposta a um estreitamento no laço social dos espaços de simbolização da vida cotidiana. Entendemos por estes espaços, momentos necessários a todo ser humano de dar sentido ou re-significar suas vivências cotidianas através de suas falas e convivências com os outros.

Assim, na medida em que estes espaços diminuem na vida cotidiana, se produz subjetividades mais pobres e com poucos recursos de sustentação, tendo como saída, a depressão. O projeto pretende criar espaços discursivos onde estas mulheres possam falar de si, re-construir suas histórias. A história das mulheres é e deveria ser, de alguma forma, a história do modo como tomam elas a palavra. A escuta direta da sua voz depende, no entanto, do seu acesso aos meios de recuperar sua expressão: o gesto, a fala, a escrita, portanto espaços discursivos.

Tem como objetivos: permitir a estas mulheres através de contar e re-construir sua história, se desfazer de representações fixas e definitivas e poder ousar afirmar-se na incerteza de suas histórias, podendo recriar outras versões. Possibilitar que as vivências do cotidiano destas mulheres, possa se tornar uma experiência na medida em que o outro funciona como testemunha permitindo que ditas vivências tenham outros sentidos ou outras versões menos traumáticas, saindo da incessante queixa e do anonimato. Criar através desta reconstrução um espaço de elaboração simbólica de seu lugar no bairro como sujeito e cidadã. Possibilitar aos estagiários o estudo da psicopatologia da vida cotidiana e sua articulação na produção do sujeito.

Nosso compromisso, portanto, como psicólogos é, justamente, o de ouvir o sujeito que fala pelo sintoma no discurso, para que seja possível uma mudança de posição do invisível ao reconhecimento de sujeitos. Permitir a este interpor-se às suas questões. E, nesse sentido, a psicanálise abrange com precisão o que entende por esta mudança na medida em que coloca neste lugar, a saber, o lugar daquele que possibilita pensar o sujeito, a função do analista/psicólogo. Nas palavras de Luiz Alfredo:

Diante do saber dos séculos XVII e XVIII, a psicanálise se apresenta como uma teoria e uma prática que pretendem falar do homem enquanto ser singular, mesmo que afirme a clivagem inevitável a que esse indivíduo é submetido. Antes do advento da psicanálise, o único lugar institucional onde o





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XIV Jornada de Extensão

discurso individual tinha acolhida eram os confessionários religiosos. A psicanálise vem ocupar, no século XX, este lugar de escuta. Claro está que isso não ocorreu independentemente das condições que tornaram urgente o aparecimento das ciências do homem: O surgimento da psicanálise é contemporâneo ao surgimento do homem, e este só surgiu com o desenvolvimento da economia capitalista e sua exigência de controle dos corpos e dos desejos. (GARCIA-ROZA, 1998, p. 22).